



A Santa Sé

CONCELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA PARA O ENCERRAMENTO
DA X ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS

HOMILIA DO PAPA JOÃO PAULO II

27 de Outubro de 2001

1. *"Anunciaremos aos povos a salvação do Senhor" (Salmo responsorial).*

Estas palavras do Salmo responsorial exprimem bem a atitude interior que nos une, venerados Irmãos, no final da X Assembleia Ordinária do Sínodo dos Bispos. O prolongado e aprofundado diálogo sobre o tema do episcopado renovou em cada um de nós a apaixonada consciência da missão que nos foi confiada pelo Senhor Jesus Cristo. Com ardor apostólico, em nome de todo o Colégio episcopal que aqui representamos, reunidos junto do túmulo do apóstolo Pedro, queremos confirmar a nossa adesão conjunta ao mandato que nos foi deixado pelo Ressuscitado: *"Anunciaremos aos povos a salvação do Senhor"*.

É como que uma nova partida, na onda do Grande Jubileu de 2000 e no início do Terceiro Milénio cristão. A primeira Leitura, o oráculo messiânico de Isaías que ressoou muitas vezes durante o Ano Santo, levou-nos para o clima jubilar. Trata-se de *um anúncio repleto de esperança* para todos os povos e os aflitos. É a inauguração do "ano da misericórdia do Senhor" (*Is 61, 2*), que encontrou no Jubileu a sua expressão forte, mas que transcende todo o calendário para se alargar a todas as partes onde chega a presença salvífica de Cristo e do seu Espírito.

Enquanto hoje voltamos a escutar este anúncio, sentimo-nos confirmados na convicção expressa no final do Grande Jubileu: *"A porta que é Cristo" permanece mais escancarada do que nunca, para as gerações do novo milénio* (cf. *Novo millennio ineunte*, 59). Com efeito, Cristo é a esperança do mundo. A tarefa da Igreja e, de maneira particular, dos Apóstolos e dos seus sucessores, consiste em *difundir o seu Evangelho até aos confins da terra*.

2. A exortação do Apóstolo Pedro aos "anciãos", escutada na segunda Leitura, assim como a perícope evangélica, agora proclamada, utilizam a simbologia do pastor e da grei, apresentando o ministério de Cristo e dos Apóstolos em chave "pastoral". "Apascentai o rebanho de Deus que vos foi confiado", escreve São Pedro, recordando o mandato que ele mesmo tinha recebido de Cristo: *Apascenta as minhas ovelhas... Apascenta os meus cordeiros*" (Jo 21, 15-17). E, ainda mais significativa, é a auto-revelação do Filho de Deus: "Eu dou a vida pelas minhas ovelhas" (cf. Jo 10, 15).

Por isso, Pedro define-se "testemunha dos sofrimentos de Cristo e participante da glória que há-de manifestar-se" (1 Pd 5, 1). Na Igreja, o Pastor é, em primeiro lugar, portador deste testemunho pascal e escatológico, que encontra o seu ápice na celebração da Eucaristia, memorial da morte do Senhor e prenúncio da sua volta gloriosa. Por conseguinte, a celebração da Eucaristia é a acção pastoral por excelência: o "fazei isto em memória de mim" exige não apenas a repetição ritual da Ceia, mas também, como consequência, a disponibilidade para se oferecer a si mesmo pelo rebanho, segundo o exemplo de tudo o que Ele realizou durante a sua vida e, sobretudo, na sua morte.

3. A imagem do Bom Pastor foi recordada várias vezes durante estas semanas nas intervenções na Sala sinodal. Com efeito, ela é o "ícone" que, ao longo dos séculos, inspirou muitos santos Bispos e que, melhor do que qualquer outro, realça as tarefas e o estilo de vida dos sucessores dos Apóstolos. Nesta perspectiva, não se pode deixar de observar que a Assembleia sinodal, que hoje encerramos, se liga espiritualmente a todo o magistério que a Igreja nos deixou ao longo da sua história. Basta pensar, por exemplo, no Concílio de Trento, do qual estamos separados por um período de cerca de quatro séculos e meio. Entre os motivos pelos quais esse Concílio teve uma enorme influência inovadora no caminho do Povo de Deus, estava sem dúvida a nova proposta da *cura animarum* como primeira e principal tarefa dos Bispos, comprometidos em *residir de maneira estável com o seu rebanho* e em formar válidos colaboradores no ministério pastoral, mediante a instituição dos seminários.

Quatrocentos anos mais tarde, o Concílio Vaticano II retomou e desenvolveu a lição do Concílio tridentino, abrindo-o aos horizontes da nova evangelização. No alvorecer do terceiro milénio, a figura ideal do Bispo, com que a Igreja continua a contar, é a do Pastor que, configurado com Cristo na santidade da vida, se dedica generosamente em favor da Igreja que lhe foi confiada tendo no coração, ao mesmo tempo, a solicitude por todas as Igrejas espalhadas pela terra (cf. 2 Cor 11, 28).

4. O Bispo, bom Pastor, encontra luz e força para o seu ministério na Palavra de Deus, interpretada na comunhão da Igreja e anunciada com fidelidade corajosa "oportuna e inoportunamente" (2 Tm 4, 2). Mestre da fé, o Bispo promove tudo o que há de bom e de positivo na grei que lhe é confiada, sustém e orienta quantos são frágeis na fé (cf. Rm 14, 1), intervém para desmascarar as falsificações e combater os abusos.

É importante que o Bispo tenha consciência dos desafios que hoje a fé em Cristo encontra por causa de uma mentalidade assente em critérios humanos que, por vezes, tornam relativos a lei e o desígnio de Deus. Sobretudo, ele deve ter a *coragem de anunciar e defender a sua doutrina*, mesmo quando isto comporta sofrimentos. Com efeito, em comunhão com o Colégio apostólico e com o Sucessor de Pedro, o Bispo tem o dever de proteger os fiéis contra todos os tipos de ameaça, mostrando numa *volta sincera ao Evangelho de Cristo* a verdadeira solução para os complexos problemas que pesam sobre a humanidade. O serviço que os Bispos são chamados a prestar em favor do seu rebanho será uma fonte de esperança, na medida em que reflectir uma *ecclesiológia de comunhão e de missão*. Nos encontros sinodais destes dias, realçou-se várias vezes a necessidade de uma espiritualidade de comunhão. Citando o *Instrumentum laboris*, repetiu-se que *"a força da Igreja é a comunhão, e a sua debilidade é a divisão e a oposição"* (n. 63).

Somente se for claramente perceptível uma profunda e convicta *unidade dos Pastores entre si e com o Sucessor de Pedro*, assim como *dos Bispos com os seus sacerdotes*, poderá dar-se uma resposta credível aos desafios que provêm do actual contexto social e cultural. Caríssimos irmãos, membros da Assembleia sinodal, a este propósito desejo expressar-vos a minha mais reconhecida estima pelo testemunho que, durante estes dias, destes da alegre comunhão na solicitude pela humanidade do nosso tempo.

5. Gostaria de pedir que transmitísseis a minha saudação aos vossos *fiéis* e, de maneira especial, aos vossos *sacerdotes*, aos quais não deixareis de reservar uma atenção especial, estabelecendo com cada um deles um relacionamento directo, repleto de confiança e cordialidade. Além disso, sei que procurais fazê-lo, persuadidos de que uma diocese só funciona bem se o seu clero estiver alegremente unido, na caridade fraterna, à volta do seu Bispo.

Depois, peço-vos que saudeis os *Bispos Eméritos*, levando-lhes a expressão do meu reconhecimento pelo trabalho que levaram a cabo ao serviço dos seus fiéis. Desejei que, nesta Assembleia sinodal, estivesse presente uma sua representação, para reflectirmos também sobre este tema, que é novo na Igreja, dado que nasceu de um desejo do Concílio Vaticano II, para o bem das Igrejas particulares. Formulo votos a fim de que cada Conferência Episcopal estude uma forma de valorizar os Bispos Eméritos que ainda gozam de boa saúde e se sentem ricos de energia, confiando-lhes algum serviço eclesial e, sobretudo, o estudo dos problemas para cuja solução têm a experiência e a competência, chamando quem está disponível, para fazer parte de uma ou outra Comissão episcopal, ao lado dos Irmãos mais jovens, a fim de que se sintam sempre membros vivos do Colégio episcopal.

Desejaria ainda transmitir uma saudação especial inclusivamente aos *Bispos da China Continental*, cuja ausência no Sínodo não nos impediu de sentir a proximidade espiritual na recordação e na oração.

6. "Quando o supremo Pastor aparecer, receberéis a coroa da glória que jamais se ofuscará" (1 Pd 5, 4). No encerramento desta primeira Assembleia sinodal do terceiro milénio, é-me grato recordar os 22 Bispos canonizados durante o século XX: *Alexandre Maria Sauli*, Bispo de Pavia; *Roberto Bellarmino* Cardeal, Bispo de Cápua, Doutor da Igreja; *Alberto Magno*, Bispo de Ratisbona, Doutor da Igreja; *João Fisher*, Bispo de Rochester, Mártir; *António Maria Claret*, Arcebispo de Santiago de Cuba; *Vicente Maria Strambi*, Bispo de Macerata e Tolentino; *António Maria Gianelli*, Bispo de Bobbio; *Gregório Barbarigo*, Bispo de Pádua; *João de Ribera*, Arcebispo de Valença; *Olivier Plunkett*, Arcebispo de Armagh, Mártir; *Justino De Jacobis*, Bispo [Titular] de Nilópolis, Vigário Apostólico da Abissínia; *João Nepomuceno Neumann*, Bispo de Filadélfia; *Jerónimo Hermosilla*, *Valentino Berio-Ochoa* e outros seis Bispos, Mártires no Vietname; *Ezequiel Moreno y Díaz*, Bispo de Pasto; e *Carlos José Eugénio de Mazenod*, Bispo de Marselha. Além disso, daqui a menos de um mês, terei a alegria de proclamar Santo *José Marelló*, Bispo de Acqui.

Deste grupo eleito de *santos pastores*, que se poderia alargar à *numerosa plêiade de Bispos beatificados*, sobressai como num mosaico o Rosto de *Cristo Bom Pastor e Missionário do Pai*. É neste Ícone vivo que fixamos o nosso olhar, no início da nova época que a Providência abre à nossa frente para sermos, com uma dedicação cada vez maior, servidores do Evangelho, esperança do mundo.

Oxalá a Bem-Aventurada Virgem Maria, Rainha dos Apóstolos nos assista no nosso ministério.

Ela resplandece em todos os tempos, no horizonte da Igreja e do mundo, como sinal de consolação e de esperança segura.